



LETRAS ACADÊMICAS

SUPLEMENTO CULTURAL DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO II

Nº 16-17-18

JULHO- OUTUBRO 94

EDITORIAL

O homem, cuja forma de ser é a vivência permanente com os livros e cuja presença lhe limita o horizonte visual enquanto lhe abre novas perspectivas, o homem intelectual que se preza e se respeita, vive em um mundo diferente. Um mundo em que somente a cultura prepondera e nele a constante indagação é a eterna pergunta metafísica: o que sou neste ambiente humano em que vivo, pelo fato de fazer parte de uma comunidade? O que sou em face do que vejo todos os dias? Nessa ordem de indagações filosóficas, a mente do sêr pensante se obumbra e se esvanesce em elocubrações as mais díspares. Apesar de suas dúvidas e incertezas, situa-se em esfera diferente dos demais. Preocupa-se tão somente com os problemas do espírito, passa a investigar a si mesmo para aferir de sua estrutura interior e nesse caminhar penetra nos meandros cerebrais, especulando em derredor de sua própria essência. Examina a sociedade em que vive, com as fímbrias limitadas pelo universo livresco no qual realiza seus mais soberbos pensamentos. Sua visão vai além das coisas fácticas e penetra em outra dimensão, ensejando contingentes novos de elaborações culturais. Constrói, reconstrói em busca da perfeição, ergue castelos imaginários onde trava suas lições memoráveis e nesse quadro irreal tece sua teia de ilusões. E nela isola-se das contingências reais, para viver melhor no que constitui a verdadeira imagem de que é. E assim vive.

Oyama Ituassú

Um Grande Poeta AMÉRICO ANTONY

PEÃ

*A tarde vem, as aves pousam,
a abelha freme, é de ouro e mel,
as flores cálices repousam,
na mata o sol doura um cordel;*

*Faz o aranhol de filigrana
ao coruscar da sombra a abrir
como uma jóia ardente e insana
sobre o turbante de um vizir...*

*O ouro do sol dá serpes de alma
em transparência ao manancial
e ao estrelar jasmims em calma
dá à noite um manto universal!*

*A folha dorme mas depois
que o sol a alenta, a beija e doira
e o espaço? enfim, cortado em dois
é lua e sol, a uma rasoira.*

*A essa rasoira do silêncio
que o regulou para fulgir
um - no passado - ao qual pertence
o outro, - à sua vez de ressurgir.*

*E a luz do sol oculta e bela
pela outra face do planeta,
é como a alma de uma estrela
que se escondeu para um poeta.*



FUNDADA EM 1º DE JANEIRO DE 1918
**ACADEMIA AMAZONENSE DE
LETRAS**

Presidente

Oyama César Ituassú da Silva

1º Vice-Presidente

João Chrysostomo de Oliveira

2º Vice-Presidente

Robério dos Santos Pereira Braga

Secretário Geral

Octávio Hamilton Botelho Mourão

Secretário Adjunto

Manoel Bastos Lira

Tesoureiro

Ruy Alberto Costa Lins

Bibliotecário

Max Carpentier

EXPEDIENTE

Letras Acadêmicas é um informativo Bimensal da Academia Amazonense de Letras.

Diretor: Oyama César Ituassú da Silva

Revisor: José Ribamar do Nascimento Araújo

Impressão: Gráfica da Imprensa Oficial do Estado do Amazonas

Endereço: Academia Amazonense de Letras
Rua Ramos Ferreira, 1009
Telefone: (092) 234-0584
CEP. 69.025-010
Manaus - Amazonas
Brasil

Restaurando o passado.

REMEMORAÇÃO ILUSTRE

ADRIANO AUGUSTO DE ARAÚJO JORGE

Paulo Eleuthério

Adriano Jorge é um dos académicos de cuja biografia somente traços gerais poderão ser fixados, num como resumo ou estudo crítico que tal bem melhor fôra confiar à palavra falada do que à palavra escripta. E esse meio singular de transmitir à posteridade o que se pretende eternizar, tem no próprio Adriano o maior cultor, porque as admiráveis belezas de sua capacidade intelectual e de sua emoção artística têm sido principalmente entregues à falibilidade da memória de quantos têm possuído a fortuna de o ouvir.

Na classificação nem sempre justa e orientada, dos nossos modernos homens de letras, caberia a Adriano Jorge um lugar entre os mais reputados artistas da palavra, carinhoso e felicíssimo jocirador de frases que impressionam e delectam, orador, enfim, dos que maior renome possam conquistar entre os seus contemporâneos.

O presidente da Academia Amazonense de Letras, alagoano de nascimento e médico de profissão, é dos elementos mais representativos da nossa cultura, sob o triplícipe aspecto em que todos o admiram, como cientista de méritos celebrados, como literato de bases firmes e como artista dos de mais requintada visão estética.

E em mais de uma feição característica do intelectual moderno se desdobra Adriano Jorge: no jornal, é o cronista sugestivo e impressionante, grande sabedor dos segredos e sutilezas do idioma; na escola é o professor que consegue manter a sua classe em constante admiração e desvelo pelo mestre, formando em cada discípulo um espírito novo, predisposto às suaves e encantadoras emoções do Belo; na tribuna é o esplêndido orador que todos aplaudem, e anseiam por ouvir sempre; na vida pública é a organização inteiriça de que todos lhe reconhecem a têmpera superior.

Membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Amazonas, os seus eminentes colegas são unânimes em considerá-lo um dos mais ilustres membros da classe; deputado à Assembléa Legislativa do Estado, a palavra de Adriano Jorge tem amparado todas as causas alevantadas e preciosas à grandeza e brio do povo que representa, com expensões de patriotismo invulgar; presidente da Academia de Letras é o espírito brilhante de palestrador e de crítico que todos nós já nos acostumamos a ouvir, ansiosos sempre quando o vemos ainda aparecer, para nos edificar com a sua palavra e sensibilizar com as belezas de seu coração de ouro, belezas que tanto resplandecem e irradiam por toda parte.

Os futuros biógrafos de Adriano Jorge muito terão a dizer ainda de seus escritos

e de suas diferentes frases como intelectual e como homem público; não será, porém tarefa bastante fácil. O nosso festejado confrade é impenetrável às averiguações de tal natureza, ocultando mesmo avaramente tudo aquilo que tem produzido, como um perulário, por mais que disso ressalte a originalidade de um contraste.

Estas simples linhas, porém, feitas à sua revelia e de outras fontes, porque nada consultamos, deixam porém a idéia do quanto será difícil um trabalho metucioso no gênero, sobre a vida intelectual do presidente da Academia Amazonense de Letras.

Que outros o façam com êxito, mais valia e fulgor. O que nos cumpre atualmente é iniciar pelo *primus inter pares* a galeria dos nossos académicos, que a Revista irá apresentar aos seus leitores e amigos.

ESTERIL

ALVARO MAIA

- *"Phalena doidejando em futil meio bobo,
traht' minha belleza e pratiquei um crime...
Pousei de riso em riso e não amei, - vendi-me!
Fiz á propria existencia um lancinante roubo..."*

*Esteril, sem tremer ao maternal arroubo,
para matar a angustia immensa, - dividi-me
entre a dôr da lembrança e a magua que me opprime,
sentindo roer-me o ovario um famulento lobo..."*

*Os nervos, na prisão da carne em furia, bolem...
E meu corpo, que é céu, contém o horror do inferno,
e minh'alma, que é luz, rola em pleno negrume..."*

*Tranquei a alva corolla aos remigios do pollen,
fugi ao sol nupcial e procurei o inverno...
Morro sem ver o amor! Morro sem ter perfume!" -*

A FELICIDADE

Palestra de Benjamin de Sousa

Venho falar-vos, minhas Senhoras, da felicidade... e que doloroso contraste! eu que sou o menos feliz para a tarefa de palestrar convosco, nesta ameníssima tarde, florida, de maio...

A felicidade... Existe, porventura, a felicidade? Não será, como a verdade, a eterna ancia da philosophia, embrenhando-se nos meandros sombrios da sciencia, á procura, soffrega, do incognoscivel e do imponderavel?

Mas, si ella existe, si é uma cousa concreta, real, palpavel, d'alma e corpo, nas relações dos seres vivos; si a felicidade é isso, porque ha a dôr para enxotal-a do riso que vem do coração? porque ha a lagrima para suffocal-a no beijo que vem da alma? porque ha o aneio offegante para banil-a da esperanza que vem do espirito? porque ha o desgano para aniquilal-a na saudade que vem do coração, e vem da alma, e vem do espirito?

O riso devera ser a perenne alvorada da terra; a alegria, a primavera eterna do amor; a candura, o bem imperecivel do affecto; a graça, a sedução infinita da alma; a ternura, o perfume suavissimo do coração; o canto, a symphonia suprema do supremo consolo; o sonho, a volupia cariciosa e embriagante da vida...

Ah! a felicidade é irreal, do ponto de vista da existencia material: incorporea, invisivel, impalpavel, intangivel; sente-se-a, experimenta-se-a, comprehende-se-a, mas ninguém houve ainda que a tivesse tocado...

de leve siquer, com uma flôr ou com um osculo.

A felicidade é uma ficção, um sonho, uma vaga bruma, uma concepção alada e volatil. E desde que o homem surdiu no sub-solo, immenso e arido, tantos aneios lhe ella desperta e lhe cava na alma!...

Ficção, sonho, bruma, a felicidade é a nova estrella presagiosa que conduz os transeuntes deste Calvario da existência ao inalcançavel Thabor da ventura absoluta: é a concha pulchra das mais doces esperanças; sim, o iris divino dos desejos mais vehementes e castos, a alleluia cantante do prazer e da fé.

Fugace como uma aurora de estio, passageira como a harmonia dum beijo, fugidia como uma visão de lenda, é, porém, o anho sempre renovado, vivido, ardente, dulcido, alliciente e bom de todos os dias...

A illusão da felicidade... Sombra que passa, som, diaphaneidade, symbolo, idéal... expressão vaga de mysterio e de luz...

Quanta gente soffre da grande ancia, que é uma angustia, da angustiosa ambição, que é uma tortura, de ser feliz...!

E quanta gente, Deus dos altos céos! não tem, dentro de si, a roer-lhe o desespero escondido na fimbria da alma, a atormentar-lhe a tristeza occulta, a gritar-lhe ironias á desventura recalçada, a funda, a dolorosa, a mordente agonia desse Mal secreto, immortalizado pelo poeta no marmore imperecivel dos versos:

..... quanta gente existe
cuja ventura consiste
em parecer aos outros venturosa!

A felicidade será a ventura eterna, trancando o coração aos desganos, a alma á magoa, o amor á traição?

Para ser feliz é necessario não soffrer, não viver, não sonhar... que o sonho é a maior de todas as delicias, porque é a felicidade absoluta, que é goso increado.

Para não sonhar, não desejar... que o desejo é a procura ininterrupta do que nos falta na alma e no coração, no amor e na vida. A propria existencia é um desejo que se não extingue, sempre o mesmo, insatisfeito sempre...!

Para não viver, não gosar... Mas, haverá quem, integrado nas suas funções organicas, tenha forças para rejeitar, Senhoras minhas, a doce belleza, a suavissima, a voluptuosa delicia da vida?

Para não soffrer, não amar... que o amor é o supremo bem e o mal supremo, em luta eterna, dando a vida e dando a morte; que hoje concede e amanhã, recusa: hoje, uma promessa; amanhã, um desgano... até que se possa transfundir na amizade, que é o amor immortal, amor que não arrefece e que não trahе, que conforta e aconchega, que abençoa e santifica...

A felicidade, minhas Senhoras... é esta suprema ventura que tenho eu de ser ouvido por vós!

LIVROS, THEATROS E MULHERES

(A VIDA CARIOCA)

Começou a grande estação elegante do Rio... Maio, Junho, Julho, Agosto, ás vezes Setembro, são os mezes em que a vida carioca esplende, - em livros, theatros e mulheres. Toda a nossa Arte, porque não ser optimista?! - rebrilha, fulge, durante o inverno... O nosso inverno! Ha uns dias de temperatura doce, suave, que o carioca impenitente, no habito muito nacional de imitar a Europa, affirma convictamente que é o inverno. E as mulheres lindas se afundam em pelles caras, que lhes enervam a epiderme. VALE!

Mas o certo é que são tres, quatro mezes deliciosos, de thermometro baixo, e de livros novos, de theatros e de concertos, de conferencias, de exposições de pintura, de bailes, e saraús, e chás, e convescotes, e flirts. A vida elegante, emfim, no que ella tem de

mais requintado, de mais nobre, e de mais idiota.

Enfeixaremos nestas chronicas simples, de character apenas informativo, as noticias dos livros, de theatros, de festas sociaes, - tudo o que se relaciona com a nossa Arte. É claro que essas ligeiras notas serão extrahidas de jornaes, de revistas, e de cartas particulares. Apenas, um noticiario carioca, - e o aviso ahi fica, ingenuamente, para os apurados, para os exigentes, para os requintados e maliciosos...

Abriu a estação, este anno, Coelho Netto. Mais um livro seu, leve, ligeiro, simples. Nada de transcendental, de muito pensado, de maduramente reflectido. FRUCTOS DO TEMPO lê-se em duas horas, com agrado. E Coelho Netto, ainda e sempre de uma rara fecundidade, continua a ter alto estylo, soberbo e impressionante.

Depois, um livro de versos, do autor dos POEMAS DO MAR DO NORTE, Alberto Ramos. Intitula-se ELEGIAS E EPIGRAMMAS. São canções á natureza, hymnos ao trabalho. Elegias, - com preoccupações helenicas.

No noticiario dos jornaes apanhamos referencias a outros volumes, - Carlos Góes, com o seu DICCIONARIO de GALLICISMOS; Souza da Silveira, com os TRECHOS SELECTOS, e Adelino Magalhães, com os TUMULTOS DA VIDA, que mereceu do excellente critico que é Tristão de Athayde, uma pagina de arripiar.

João do Rio é hoje nosso maior trabalhador literario. Artigos, chronicas, novellas, contos, theatro, conferencia, tudo elle faz, num estylo leve e elegante. É positivamente um vencedor. Agora, publicou o terceiro e ultimo volume da série CONFERENCIA DA PAZ, com o sub-titulo, - ALGUMAS FIGURAS DO MOMENTO.

UM GESTO ROMÂNTICO

Adriano Jorge

Combalido daquella vaga tristeza, que anda a boiar esparsa nos olhos bondosos e quasi humildes dos que envelheceram guardando integral, a phosphorejar-lhes nas lucidas pupilas eternamente moças, a intelligencia radiosa; vergado sob a cruz esmagadora daquelle profundo saber - oh! o doloroso, amargo presente dos deuses! - de quem viu muito e muito sofreu: illuminado pelo resplendor de suas barbas brancas e transcendentalizado pelo mysterio do Além, que lhe transfundia, aos bruxoleios crepusculares da morte proxima, uma imponencia mystica de santo, o Grande Velho quiz que lhe mandassem do Brasil um punhado de terra da Patria, para que sobre ella dormisse o somno supremo a sua bella cabeça prophetica e macerada.

Ao meigo rasgo sentimental do Imperador, responde hoje o Brasil com um gesto romantico: - a Republica autoriza a repatriação das cinzas de Pedro II.

As atitudes do Imperador foram sempre magnificamente esculpturaes, desde aquelle documento immortal, que Wilson gloriosamente plagiou, até o stocismo socratico das suas ultimas horas de Brasil.

Não surprehende, pois o surto amoravel de sua grande alma para com a Patria desagradecida, que o repudiára.

Assombra, porém, esse gesto de belleza por parte da Republica, de cujo espirito eminentemente pratico trinta annos de fallencia moral nos tem dado as provas mais desastrosamente convincentes.

É impossivel calcular em metal sonante as consequencias desse im-

peto, com que a Republica entende agora resgatar a velha ingratição...

E o que não é, entre nós, reductivel a uma expressão monetaria qualquer é de todo em todo incomprehensivel.

A mim, que tenho a vaidade sumptuosa de já me haver desalgegado de grande parte do infinito acervo de superstições e feiticismos, que nos eivam o patriotismo mental, quasi nada interessaria o sitio em que repousam ou venham a repousar os restos mortaes do imperador.

Já o meu delicioso Rémy de Gourmont escreveu, quando foi da trasladação dos ossos de Lamartine para o pantheon: - "Que me importa o recanto de terra onde estão as tibias de Lamartine!"

De facto, o que de um homem subsiste, através dos tempos, não é a tristissima expressão residual do arcabouço inutil nem mesmo a chimica maravilhosa, que lhe aproveita os albuminoides do organismo desfeito para a criação de novos protoplasmas...

Esses restos e essa metábole não caracterizam individualmente homem algum; não são mesmo especificos, porque assim se comportam na morte todos os seres organizados, exceptuados naturalmente, com respeito ao arcabouço, os animaes destituídos de esqueleto.

O que de um homem fica, eterno e magnifico, a attestar a incontestavel superioridade cerebral da especie, é o seu espolio espiritual, isto é, a summula da actividade de sua intelligencia, de sua adaptação moral e social, de suas reacções affectivas.

Em duas palavras: A personalidade moral, expressa e synthetizada em suas acções e em suas obras, tal é o Homem.

Dahi, a inutilidade absoluta de todos os monumentos funerarios, como dolmens, kromlechs, menhirs e mansoléos, ou simplesmente allegoricos, como os arcos de triumpho e as estatuas.

Scipião conseguiu ser ridiculo uma vez: foi quando lançou contra Roma, a apostrophe celebre, mediante a qual desherdou a cidade eterna do legado de seus ossos.

Que fez, que tem feito a Republica da Grande Obra moral, social e politica de Pedro II?

Até hoje, nada que eu saiba, além do facto inexpavelmente delictuoso de affirmar a existencia dessa Obra antiga pelo infeliz contraste dest'outra de agora.

E a quem vem mandar reparar os ossos do Grande Imperador?

Não é possivel que os poderes publicos do Paiz se tenham deixado arroubar de velho mysticismo, para resgatar de seus erros a Republica, ao contacto purificador das sagradas reliquias do nosso Santo nacional.

O meu incuravel pessimismo apenas consegue ver, nesse gesto romantico, mais uma das infinitas manifestações da vaidade insopitavel dos que se querem celebrar por uma originalidade qualquer...

O vulto heroico e suave do Grande Velho, aureolado da transcendente nobreza do martyrio, não tem necessidade, para ficar eterno dentro da alma de todos os brasileiros, dessa encenação insignificativa.

DÁDIVA

Jorge Tufic

*Doeu-me de doer a súplica do mestre:
esgotou-se o "filão" da Academia!
Saber dessa verdade enquanto os Alves
do Orçamento nos roubam, noite e dia!*

*Mas se todos mandarem, pelo menos
uma notinha assim vezes quarenta,
um Fundo de Emergência há-de instalar-se
nas raízes da crise e da tormenta.*

*Imagino o desgosto do Adriano
e a carranca do Péricles, o nosso!
Por isso eu mando dez, e mais não mando
- lhe digo sem corar - porque não posso.*

*Receba, pois, a humílima parcela
que, num gesto de amor e de oração,
só tem por meta logo duplicar-se
na desejada soma de hum milhão!*

PRESEPIO

Alencar e Silva

Vieram do Oriente, de reinos distantes, os que seguiram a estrela. De reinos cujos nomes não se guardaram, sabendo-se apenas que ficavam no Oriente, nas bandas de onde vem a luz. Seus nomes, porém, os nomes dos que acompanharam a estrela ficaram perpetuados no tempo, desde a noite em que O encontraram. Seriam reis e seriam magos. As manifestações exteriores de sua realeza pareciam evidentes na dignidade dos trajes e nos tesouros que portavam. E sua sabedoria parecia também manifesta no conhecimento da significação da estrela. E interpretavam assim esse sinal, em relação aos eventos que pressagiava: "Vimos um astro muito grande que brilhava entre as demais estrelas e as eclipsava, fazendo-as desaparecer. Nisto soubemos que a Israel havia nascido um rei, e viemos adorá-los". Eis por que em seus cofres traziam presentes para um rei, constituídos do que havia de mais precioso no Oriente. Haviam visto, pois, o astro anunciador do nascimento daquele rei e vinham adorá-lo. Eis porque chegaram a Jerusalém perguntando onde es-

tava o recém-nascido Rei dos Judeus. Disseram-lhes então que, segundo as escrituras, o libertador de Israel, o Messias, o Cristo devia nascer em Belém da Judéia. Para lá seguiram os magos. E, para sua alegria, a estrela voltou a guiá-los, até fixar-se sobre o lugar em que o Menino e Maria, sua mãe, se encontravam.

Então, abriram os seus tesouros e, sob as espécies do ouro, incenso e mirra, deixaram aos pés do Menino as oferendas de sua adoração a um Rei, a um Deus e a um Homem mortal.

Era uma gruta, segundo uns, uma casa, segundo outros. Como quer que fosse, o certo é que não havia lugar para a família do rei na estalagem da cidade - e Maria, tendo dado à luz o seu filho, enfaixou-o e o reclinou numa manjedoura. Foi assim que O encontraram os Magos e os que em seguida chegaram.

Vieram, então, uns pastores, que guardavam seus rebanhos a alguma distância, trazendo ainda nos ouvidos o cântico dos anjos, e também O adora-

ram. Não fora alucinação o que viram e ouviram: ali estava o Rei a quem foram mandados adorar. E ali, também, os Magos e os pais do Menino. E a humildade do jumento. E a brandura do boi. E a docilidade das ovelhas.

Em verdade, era um gruta ou um estábulo, ainda longe da cidade. E Maria estava só, ao dar à luz o seu filho. Só, mas, assistida pelos anjos e pela estrela. José, o esposo, havia-a ali deixado e tomara o caminho da cidade, em busca de uma parteira. Ao voltar, o Menino já estava aos braços de sua mãe. E um resplendor intenso os envolvia.

Estábulo ou gruta, ou gruta e estábulo, o que reza a tradição é que a Noite em que os Magos e os pastores visitaram o Menino ficou perpetuada para sempre na beleza sem par do Presépio. E, se atentarmos bem e antenarmos melhor o nosso espírito, veremos que também no coro dos anjos que ainda ressoa em nossos ouvidos. **Glória a Deus no mais alto dos céus...**

Rio/94

O Centenário de Benjamin Lima

Carlos de Araújo Lima

Não pude estar presente na Academia Amazonense de Letras ao centenário de Benjamin Lima, meu pai. Não fiquei ausente, pois para aquela solenidade mandei as palavras que se seguem.

"Abraçar é dizer. O ato de abraçar faz que as palavras brotem em silêncio. Puras e autênticas.

A família de Benjamin Lima, fundador desta Casa, no momento aqui representada por Fernanda e seu marido, o acadêmico Ulysses Bittencourt, não está agradecendo esta festa na comemoração centenária. Seria desmerecedor o fato. Não se agradece justiça. Não haveria Academia Amazonense de Letras se esta esquecesse ou sepultasse na indiferença o seu criador. Esta comunidade da inteligência e do Espírito amazônico está viva e cada vez mais jovem na proporção em que homens como Genesino Braga, o notável incentivador das letras, e João Mendonça de Sousa, seu atual presidente, lutem com garra e alegria para buscar no passado a força do futuro.

Ternura é a chave. Sem ela todos ficamos sem sol, sem orvalho, calcinados por dentro e por fora. A ternura é a consciência delumbrada do amor. Corre serena como igarapé. A alegria de convivência fraterna. E como Benjamin Lima soube semeá-la!

Há sessenta anos para chegar a Manaus era uma guerra travada no mar salgado e doce. Vinte dias de espera! Bondes cortavam a cidade, onde cadeiras nas calçadas espalhavam, em Manaus, uma filosofia.

Ato de abraçar faz com que as palavras brotem do silêncio

O Amazonas era mais um ponto de interrogação do que de exclamação. Hoje, com olhos de ver, podemos concluir que fervilham, mesmo em torno dele, as reticências da cobiça internacional! Homens da ciência e das letras ao alcançar a cidade de Manaus se deixavam espantar no encontro de um nível cultural inesperado! Uma ilha humana, florescente de atualização, em dia com todos os avanços do mundo, em plena floresta! Esse espanto era bem maior do que a força das águas. Nesse matupá, da mais fina expressão da inteligência, e da sensibilidade humana, conviviam e cintilavam espíritos como Álvaro Maia, Benjamin Lima, Araújo Lima, Adriano Jorge, Coriolano Durand, Péricles Moraes, Araújo Filho, João Leda, Nunes Pereira, Agnelo Bittencourt, Huascar Figueiredo, Raymundo Monteiro, André Araújo, Olympio de Menezes, José Chevalier e tantos, e tantos!

O Brasil os esquecera, a miséria econômica os cercava e confrangia, e, mesmo assim, pela força da vibração cultural, eles ensinavam o povo a sobreviver e a confiar. O simples fato de serem assim já se constituía numa afirmação de confiança.

Amazonas era mais ponto de interrogação do que de exclamação

Benjamin Lima foi um dos mais eficientes e desinteressados advogados da Amazônia, e, em especial, do Amazonas. No Rio, jornalista militante escrevendo para os jornais mais prestigiados do Brasil, lá estava ele, diariamente, a divul-

gar, a defender, a imprecar, a suplicar atenção para os problemas e interesses da gleba. Nunca a esqueceu, jamais a abandonou. Tinha fundado esta casa. Eleito seu primeiro presidente, não se empossou, pois renunciou, de imediato, para ensejar a justiça de ver eleito, quem, na sua opinião, merecia o laurel, Adriano Jorge. Nessa renúncia a sua mensagem, que é a da sua geração - sabiam admirar, gostavam de aplaudir. O jornalista e homem de letras, Peri Augusto, divulgando o lançamento da poliantéia sobre Álvaro Maia e a comemoração do 80º aniversário da passagem de Euclides da Cunha pelo Amazonas - iniciativa de Arlindo Porto e Raimundo Parente -, lamentou que a sociedade não tenha prestigiado os dois eventos.

Isso é natural. Os moços são tão apressados que não vêem que estão vivendo. Vão ver depois, quando sofrem a frustração de verificar, com impossível atraso, que tiveram e não sabiam que estavam tendo. Que tinham e não sabiam que tinham. Pobre não é aquele que não tem. Pobre é aquele que não sabe o que tem.

A geração de Benjamin Lima é constituída de homens inteiros. Inteiros porque na plenitude de sua época. Viveram, por instinto, a sabedoria do poeta.

Arrumaram as palavras em ponte dando caminho à ternura e à confiança.

Por isso são jovens.

Por isso estão vivos.

NOTAS ACADÊMICAS

Aniversariam em agosto os acadêmicos Jorge Tufic (13), Robério Braga (14) e Rosa Mendonça de Brito (3) e em setembro Otavio Mourão (8), Violeta Branca (14), Alencar e Silva e Oyama Ituassú (21) e no dia 24 Waldemar Batista de Salles, todos cumprimentados pela Presidência, que lhes almejou muita paz.

A programação da posse da acadêmica eleita Rosa Mendonça de Brito, prevista para agosto, teve que ser alterada para o dia 18 de novembro, em face de problemas de saúde da genitora da mesma. Será ela recebida pelo acadêmico Max Carpentier.

No dia 13 de setembro tomou posse o acadêmico Gebes de Mello Medeiros, eleito para ocupar a cadeira nº 25, tendo como patrono Araújo Lima. Foi uma noite memorável nos anais acadêmicos, dado o brilhantismo da solenidade. Assistência numerosa, a ocupar todos os assentos e os demais rodeando o plenário, tal a afluência. Os discursos proferidos foram excepcionais, tanto do empossante como o do recipiendário, acadêmico Robério dos Santos Pereira Braga.

Saiu o número 15 das "Letras Acadêmicas", com

farto material literário de poemas e artigos. Já está em composição o número 16, que em face do atraso na publicação, abrangerá o período de julho a setembro. Por sua vez, a Revista já está composta, na fase revisionista.

O acadêmico Antisthenes Pinto lançou no dia 10 de setembro seu trabalho intitulado "Novos Horizontes", aumentando cada vez mais o elenco de sua produção. Parabéns, na demonstração do rejuvenescimento da Academia.



Apoio: Governador GILBERTO MESTRINHO